

El Hombre-Macho e a Hombria: Variações em torno do conceito do machismo

Maria José de Queiroz

«É portador dum ar de quem domina. Seu sangue forte vibra e rumoreja, ao troar da pistola ou da clavina».

(VARGAS NETO, "GAÚCHO")

O século XIX outorgou ao gênio qualidades divinas. Fez da biografia dos homens ilustres sua mitologia. No dealbar do cientificismo assegurou a continuidade do culto religioso que a humanidade rendera, no passado, aos deuses do Olimpo, aos santos e aos mártires da Igreja Católica. Hoje, no entanto, o culto do gênio, ou do herói — trágico ou romântico, produto do meio, do momento e da necessidade, recolheu-se às páginas da história. Nossos heróis, de notoriedade efêmera e fama meteórica, freqüentam os noticiários dos meios de comunicação e sua glória sujeita-se ao acaso. Por isso, já se disse, coube a Carlyle enterrar, com pompa e elegância, os últimos herdeiros do herói da antigüidade.

Num estudo sobre Dickens, Chesterton afirmava que a veemente exaltação dos grandes homens levava Carlyle a destruir a própria essência do heroísmo. À leitura de *On heroes and Hero-worship* (1841), somos forçados, no entender de Chesterton, a perguntar-nos em sobressalto: "— Serei forte? Serei fraco?". E a resposta, que nos submete a todos à invencível mediocridade, só poderá ser, segundo aviso do crítico irônico, positivamente unânime: "— Somos, sim, todos, fracos." Principalmente quando nos miramos no espelho que nos estende Carlyle.

Além da prova do espelho, de onerosa responsabilidade, defrontamo-nos, nos dias que correm, com a força niveladora da sociedade democrática e a extrema mobilidade das classes sociais. O caráter instável das relações urbanas, a labilidade do êxito que atualmente

se vincula às oscilações da bolsa, às *manchettes* dos diários e às notas das crônicas mundanas reduziram a imortalidade a mera referência falada ou escrita. Ou pouco mais que isso.

A desintegração da família, o êxodo rural, o desaparecimento dos patriarcas e dos clãs, a industrialização da fama pela publicidade avassaladora, tanto como a desigual variedade de modelos a copiar, desnorteiam a quantos buscam, no quadro político, artístico ou social, as virtudes que comovem, empolgam e arrastam. Num estudo sobre o conceito de honra na sociedade mediterrânea, J.G. Peristiany explica que a fragmentação da sociedade contemporânea, responsável pela falta de uma ordem hierárquica definida, é que gera “profunda perplexidade na juventude e dá origem a numerosas ambigüidades”.¹

Nos países altamente civilizados, onde existem relativa distribuição da riqueza e grandes possibilidades de emprego da energia criadora, dificilmente se registra o aparecimento do heroísmo compulsivo, triunfador de mediocridades. O culto da hombría, do machismo ostensivo, da virilidade agressiva aparece, geralmente, nas sociedades em formação. Manifesta-se, também, nos momentos de definição da nacionalidade, nas encruzilhadas históricas e nas crises de expansão geográfica, quando sua ação dinâmica e construtiva se faz necessária. Sua mais legítima cristalização, sob os auspícios do Renascimento, ocorreu durante a Conquista da América. Eclodiu, exaltadamente, nas façanhas dos conquistadores, nos largos capítulos da magnífica e formidável epopéia vivida no Novo Mundo.

Não é de crer que tão dilatado e pródigo exercício de temeridade tivesse confinado sua importância no período colonial e limitado sua influência a duas ou três fronteiras do continente. A memória do “centauro ibérico”² — a figura mítica do conquistador, não se

1. Ver, de J.G. PERISTIANY, Estudo introdutório a *El concepto del honor en la sociedad mediterránea*. Trad., Barcelona, Nueva Colección Labor, 1968, p. 14.

2. Sobre o centauro ibérico, leia-se, de EDUARDO FRIEIRO, «O centauro ibérico», in *Kriterion*. Belo Horizonte, Imprensa da UFMG, jan.-junho de 1955, vol. VIII, nº 31/32, p. 91-111. Esse ensaio foi recolhido, com acréscimos, no livro do mesmo autor, *O elmo de Mambrino*. Belo Horizonte, Imprensa Publicações, 1971, p. 17-52.

esgota durante a Conquista: ela permanece viva, atuante, no legado transmitido à sua plural descendência. Seu patrimônio de valentia, força, sagacidade, e também de cupidez e violência, dissipam-no, com abundância, seus principais herdeiros: vaqueiros e *vaqueros*, *cowboys*, *huasos*, *morochucos*, *llaneros*, *tropeiros*, gaúchos e *gauchos*. Nenhum deles jamais se esquivou, a exemplo do seu modelo, ao repto da circunstância, ao qual responderam, de imediato, com a réplica da valentia e da coragem.

Poucas famílias humanas apresentam, como a desses cavaleiros, tão grande soma de rasgos comuns: identificam-nos a mesma ética e igual obediência a peculiar cânnon de vida. Sujeitos a semelhantes condições de trabalho, não só pelo nascimento como por mais razões de ofício e conveniência, dedicam-se à criação e ao manejo do gado nas regiões fronteiriças. O desempenho da profissão — rude e agreste, molda-lhes o temperamento, vinca-lhes a personalidade. Destemor, orgulho, independência feroz norteiam-lhes a existência, quase sempre errante, muita vez solitária. O gosto da liberdade, a sedução do desconhecido afastam-nos, via de regra, do convívio social e de toda economia gregária. Seu itinerário, alheio a mapas, bússolas e relógios, não se submete a rotas determinadas nem o seu dia se empareda, domesticamente, debaixo de um telhado. Às patas de um cavalo, seu melhor amigo, entregam, todos eles, seus sonhos viajeiros e o desejo, jamais satisfeito, de descobrimento e de conquista.

Inspiradas no anelo romântico de afirmação da autonomia política e da maioridade nacional, as guerras da independência promoveram, na América espanhola, o ressurgimento do *hombre-macho*: das cinzas do centauro ibérico — conquistador conquistado —, surgiu o soldado aguerrido, implacável. Uma das mais altas personalidades do continente, o libertador Simón Bolívar, encarnou, em determinado momento, as virtudes excelsas do condutor de povos. Indiferente à virilidade factícia e à ostentação de superioridade, ninguém mais homem que ele — redentor iluminado e construtor de nacionalidades.

Nesses dias em que o sentimento da pátria dirigia a consciência dos colonizados e que o ideal da "*americanería andante*" entusiasmava as novas gerações, até mesmo o lírico José Martí rendeu

tributo ao heroísmo compulsivo. No afã de dar prova efetiva de compromisso com a luta pela liberdade de Cuba, o autor de *Versos sencillos* marchou para o sacrifício no campo de batalha. Preferiu expor-se à morte a ser chamado “o lírico da revolução cubana”.

Mercê do culto do heroísmo e da glorificação do soldado, a independência foi proclamada. Todos trazem na lembrança as tropas de *gauchos* miseráveis, com lanças improvisadas, laços, boleadoras e facões, que, sob o comando do caudilho Guemes, lutaram, bravamente, contra o exército realista na Argentina. O êxito das forças *gauchas* deveu-se à sanha do habitante dos pampas. Fatalista e temerário, nenhuma outra empresa lhe foi tão propícia nem tão adequada à sua natureza indomável. O *gaucho* pôde provar, como soldado, a superioridade sobre o inimigo estrangeiro, ao qual desprezava pela inépcia na arte de domar potros selvagens e pela imperícia no manejo do laço, da boleadeira e do facão. Também no México³ coube ao mestiço intrépido e bárbaro — a *los de abajo*, nem sempre modesto mas sempre disposto ao combate, a reforma da sociedade colonial. A ele se deve a instauração da nova ordem, imposta pelo poder revolucionário: Juárez, Zapata, Morelos assinam, gloriosamente, a imagem ideal que cada mexicano forja para si mesmo em transferência compensatória.

O *he-man* — que melhor representa, nos Estados-Unidos, o homem-macho de origem ibérica, aparece entre 1820 e 1830. Nas ex-colônias inglesas vive-se a era da afirmação nacional. Com Andrew-Jackson no governo — de 1828 a 1836, inauguram-se formas de conduta. Ao antigo aristocrata do litoral atlântico e ao poderoso e temido senhor de escravos da Virginia e da Nova Inglaterra

3. À luz da Conquista, julga-se hoje o machismo mexicano. Cortés e seus soldados teriam desencadeado o processo edípico que justificaria o comportamento sexual do povo conquistado (violentado, no sentir dos psiquiatras mais citados). O mestiço, fruto da união do conquistador com a mulher indígena, odeia o pai, responsável pela violência contra a mãe mas despreza-a porque nela vê a raça dominada e aviltada. SAMUEL RAMOS, em *El perfil del hombre y de la cultura en México* (México, Espasa-Calpe Mexicana, 1951) e Octavio Paz, em *El laberinto de la soledad* (4ª ed., México, Fondo de Cultura Económica, 1959), sublinham a influência nefasta da Conquista sobre o homem mexicano, «*hijo de la chingada*» (a pior das ofensas, dirigida, sempre, à mãe) que foi Malinche (a concubina índia de Cortés) e do Conquistador, violador cínico e indigno.

sucedo o homem do bosque — o *woodman*. Exaltado pelo folclore, prestigiado por políticos hábeis e demagogos, ele opõe-se ao peralvilho à inglesa, empomadado, fútil e fraco cujos modos europeus e cujo sotaque de Oxford destoam no áspero cenário americano. O *woodman* tem muito do *bon sauvage*, primitivo e ingênuo: veste-se de peles, alimenta-se frugalmente e... não bebe chá (Bebe café, para desgosto dos britânicos interessados na exportação da planta e na difusão do hábito da bebida chinesa). O nacionalismo americano transformou-o, chegada a hora, em figura mítica: símbolo da energia e do valor do povo que conseguira domar o novo mundo e criar, na terra bruta, a mais admirável civilização da era moderna.

O machismo, note-se bem, não tem origem étnica. Tanto aparece no gesto e na fibra de Cortés, o conquistador do México, como em Bolívar, Juárez, San Martín, Davy Crockett ou James Bowie. Denuncia-se, igualmente, sem qualquer distinção, tanto na ferocidade sertaneja do índio Afonso, personagem real do romance do mesmo título, de Bernardo Guimarães, como na braveza de Facundo Quiroga, o sangüinário caudilho dos pampas cuja biografia foi escrita por Sarmiento. Há no entanto quem defenda a origem hispânica do machismo louvando-se no exemplo do *Cid Campeador*, em quem se celebra a excelência da honra, superior à fidalguia e aos gestos façanhudos de exibição de coragem.

O tema da história do *Cid* presta-se a interpretações diversas. A que melhor ilustra o ideal cavaleiresco é a que opõe a vilania dos Infantes de Carrión à nobreza de caráter do *Campeador* a quem socorrem, apenas, o sentimento da honra e a consciência do próprio valor. Ofendido na sua dignidade de pai-de-família extremoso, D. Rodrigo, *El Cid*, não obstante a origem humilde, "*es más hombre*" que os vaidosos herdeiros de uma casa real.

Contra o consenso em voga, de que "*el bien nacido posee, por herencia, el carácter y los sentimientos apropiados que deberán resplandecer en su conducta,*" crisma-o a solene humildade dos retos e puros de coração. E confirma-se, nesse crisma, toda a sua grandeza. Homem bom, justo e destemido, o heroísmo que lhe pauta a conduta — espontâneo e gratuito, não lhe confere direitos nem lhe assegura privilégios. O que motiva o bem ajuizado comentário popular: "*¡Dios! qué buen vassallo si oviesse buen señor!*"

Diante da ingratidão do rei ao súdito generoso e obediente, é a voz do povo que resgata o herói das injustiças sofridas. Nesse reconhecimento encontra-se seu melhor prêmio: a necessária sagração da honra.⁴

Apesar da importância do código de honra, divulgado pelo comportamento do *Cid*,⁵ não se encontram nele as virtudes nucleares da virilidade. Há varões e varões. E o culto do varão alonga-se no tempo. Pode-se assinalar-lhe a presença nas páginas das sagas nórdicas, no fabulário do Reno, nas velhas lendas germânicas. Mais próximos de nós, na Idade Média, os cavaleiros andantes arriscavam a vida na defesa da honra,⁶ em prol dos humilhados e ofendidos ou, ainda, na expectativa dos favores de uma bela dama.

Não se esqueça entretanto que durante a Idade Média os mecanismos de conduta, inspirados em rígido sistema moral e teológico, se fundavam na prática das virtudes. E toda virtude, convém observar, adquiria sentido ético-religioso: de “qualidade do varão” — *vir, viri*, converte-se em “virtude teológica” e “virtude cardinal”.

Movidos por firme disposição moral, os cruzados empenhavam-se na luta contra os infiéis. Os mouros, por seu turno, saíam em guerra santa. Convencidos, uns e outros, de que a dignidade do homem emanava da estrita observância dos preceitos da fé, cristãos e muçulmanos buscavam praticá-la nos campos de batalha. Sagravam portanto, belicosamente, diante de Deus e de Alá, a própria virilidade.

A empresa de ser homem exigia “esforço, fortaleza e desprezo da morte”. Diante de Deus, diante dos demais homens e também diante da mulher amada — a Senhora, o cavaleiro medieval aplicava-se à obediência rigorosa desse tríplice preceito. Os livros de

4. Como não se cumpre aqui a velha norma do «bom nascimento», o conceito de honra se expõe a uma ambigüidade que deve ser resolvida mediante recurso a algum tribunal. Manifesta-se, na defesa do *Cid*, a opinião do povo — *vox populi, vox Deo* (Cf. Julian Pitt-Rivers, «Honor y categoría social», in *El concepto del honor en la sociedad mediterránea*, cit., p. 23).

5. Leia-se o poema, com Introdução e Notas de RAMÓN MENÉNDEZ PIDAL, *Poema de mio Cid*. 7ª ed., Madri, Espasa-Calpe S.A., Clássicos Castellanos, 1955.

6. Sobre os conflitos de honra e o orgulho de honra, veja-se o ensaio de JULIAN PITT-RIVERS, citado, p. 21-75.

cavalaria trataram de divulgá-lo informando e exaltando formas de comportamento em que o valer mais, o ser bom e ser melhor se constituíam em ideal social. O “*valer más no fue ya cuestión ligada con el linaje*”, afirma Julio Caro Baroja, “*sino asunto individual absoluto*”.⁷

Só a dominação árabe, de mais de sete séculos, traria à Península Ibérica o conceito de machismo sexista que concede privilégios e impõe deveres. Data desse período a estima da virilidade que se manifesta na posse e domínio da mulher.⁸ Ou, como se tornou hábito, de várias mulheres. As *casas chicas*, as “sucursais” e “filiais”, a referência vaidosa ao número de *queridas* (concubinas) seriam, por conseguinte, herança moura. No serralho, ou no nosso gineceu, encontramos seus melhores exemplos.

A imaginação popular confundiu, pelo que se vê, *donjuanismo* e machismo, ao desprestigiar o bem nascido culto da hombría, rebaixando-o a simples fenómeno biológico. E aprenda-se: a biografia amorosa de *Don Juan*, redigida por Tirso de Molina, no *Siglo de Oro*, não lhe forneceu, de modo algum, a desejada certidão de virilidade. Muito pelo contrário...

Gregorio Marañón, em ensaio clássico sobre o *donjuanismo*, considera que o varão perfeito resolve seu instinto de posse não em muitos amores, mas num apenas, suficientemente rico para enaltecer-lhe a masculinidade. É o narcisismo latente que compromete e diminui a diferenciação sexual de D. João. Por isso mesmo, segundo Marañón, “esta diminuída diferenciação é a própria essência da alma amorosa de D. João”.⁹ A fome de amor e a insatisfação que o transformaram no “burlador de Sevilha” manifestam, exuberantemente, sua falência enquanto homem viril e inteiro. Estranha-

7. *Opus cit.*, «Honor y vergüenza», p. 89.

8. Para MARIA BONAPARTE (*Chronos, Eros, Thanatos*. Paris, PUF, 1952), «a sexualidade dos homens comporta naturalmente um elemento de agressão, de tendência a submeter o objeto sexual pela força» (p. 127). Levada a extremo, exaltada pelo meio, tal agressão se transforma em elemento essencial. E conclui-se, necessariamente, na prepotência e nas manifestações delirantes do machismo sádico (patológico, já se vê).

9. Ver, de GREGORIO MARAÑÓN, *D. João. Ensaio sobre a origem da lenda*. Trad. Porto, Livraria Tavares Martins, 1947, p. 268.

mente, a virilidade não é apanágio de *D. Juan* mas virtude própria de Otelo que amou, com loucura, uma única mulher.

O *donjuanismo*, tal como o definem nos meios urbanos, sugere leviandade, inconstância. É inclinação epidérmica, frívolo apelo dos sentidos. Nada mais superficial. Nada mais falto de austeridade. Logo, nada mais distante do machismo integral.

Num ensaio sobre o machismo no México, Vicente T. Mendoza¹⁰ distingue duas espécies de machismo: o autêntico, heróico, e o falso, de aparência, que pode também assimilar-se à *superhombria* para compensar o sentimento de inferioridade. É esse machismo de aparência, fanfarrão e espampanante, que frequenta o cinema, as novelas de televisão e os textos publicitários. É ele o responsável pela reação feminista, atenta, muito principalmente, à ilusória facticidade do machismo residual que alia, sem discernimento, o culto do *hombre-macho* ao *donjuanismo*. Do que resulta, freqüentemente, a importância atribuída a qualidades acessórias tais como a força dos punhos, o tamanho do bíceps, o encanto sensual, a aura de domínio.

Imbuído de mística poderosa, o genuíno ideal de *hombria* insufla ânimo às corridas de touros, estimula cavalhadas e rodeios, exalta a oratória, inspira *guerrillas*, instiga ao combate, ensangrenta revoluções. Implica, com expressiva eficácia, a valorização do indivíduo sem conduzi-lo, porém, ao egoísmo árido nem, tampouco, à fatuidade ostentatória. Ao desencadear-se o processo “repto-réplica”, “honra-vergonha” que arrasta e comove, o orgulho masculino, desperto, impede a retirada. Emerge, dessarte, o ímpeto heróico que coibe, com energia, qualquer movimento de fraqueza. Em face do destino, ou da circunstância gloriosa, o homem-macho assume a sua condição, dono e senhor do seu território. Responsável pela própria vida, consciente dos seus atos e dos seus deveres, ele é então convocado a participar da história.

10. Os estudos de VICENTE T. MENDOZA visam ao conhecimento do machismo mexicano e, particularmente, à sua divulgação pelo folclore musical. Leia-se, desse autor, *La décima en México*. Buenos Aires, Instituto Nacional de la Tradición, 1947; «El machismo en México al través de las canciones, corridos y cantares», in *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología*. Buenos Aires, Ministerio de La Educación y Justicia, 1962, III, p. 75.

Eis o que significa o machismo. Sua melhor definição? O exercício da bravura.

Em boa verdade, o culto do *hombre-macho* conduziu, e ainda conduz, inúmeros caudilhos às posições de mando na América. “Os *cowboys*, sentencia Germán Arciniegas, não podem imaginar um presidente senão como jinete capaz de montar um potro selvagem e domá-lo. Em Buenos Aires, continua o historiador colombiano, todas as estátuas dos presidentes, com exceção de Sarmiento, são eqüestres. Na linguagem política, sempre se fala do “*potro del poder*” e de “*tomar las riendas del gobierno*”. Recita-se a fábula sobre o bom governo que diz: “*cuando freno y espuelas/ armaron la gran disputa/ sobre cuál de ambas cosas/ era de más ayuda*”.¹¹

Herdado das sociedades primitivas, o machismo residual instaurou, nos nossos dias, o culto do super-herói. É ele que vemos sob a pele do *cowboy* invencível, do *samurai* estóico, do sagaz James Bond ou, mesmo, do sertanejo “cabra da peste” e do gaúcho “monarca quebralhão”. São eles os homens-machos com que nos socorre hoje a *mass-media*. O que torna transparente a enorme carência que todos experimentamos de heróis de carne e osso...

A figura do *cowboy* — *hombre-macho*, foi tomada, quase totalmente, à tradição mexicana. O *vaquero* hispano-americano, descendente direto do conquistador ibérico, precedeu o *cowboy* em mais de dois séculos. Daí, ter este recebido, indiretamente, o legado hispânico. Esse legado, a que tanto se afeiçoou, não só lhe denuncia a origem moral como, também, lhe instrui a fala. Nos costumes, no manejo dos instrumentos de trabalho, na execução das tarefas diárias, no vocabulário pertinente, em tudo quanto cerca a rotina do *cowboy* americano se nota a garra do centauro da Conquista.

11. Ver, de GERMÁN ARCINIEGAS, *Entre la libertad y el miedo*. 5ª ed., Ed. del Pacífico, S.A., 1955, p. 344. Ainda há pouco, por ocasião da Convenção Republicana nos Estados Unidos, exibiu-se, na televisão, uma publicidade sobre Ronald Reagan, candidato à reeleição. Mostraram-no a cavalo, e em trajes de *cowboy*, e, com uma pata do animal entre as mãos, a vigiar a boa posição da ferradura. É de todos conhecida, no Brasil, a paixão do nosso presidente pelos cavalos e pelo hipismo — seu esporte favorito. Em inúmeras fotografias oficiais, o presidente Figueiredo posa, com apurmo, como jinete. Perdura, portanto, a tradição assinalada por Germán Arciniegas.

A arte de bem cavalgar, aclimada no México, aprendeu-a o peão do Norte do mestiço mexicano: foi ele quem adotou a sela árabe que os espanhóis, com ligeira modificação, tinham copiado do mouro invasor; também adaptou, à sua emergência, a técnica da montaria, a maneira de ferrar e a segurança no manejo de grandes vacadas. À sua linguagem habitual, em inglês, o *cowboy* incorporou a terminologia da profissão, quase toda ela de procedência castelhana. Assim, no velho oeste, ouvem-se, ainda hoje, vozes espanholas. O peão norte-americano usa *sombrero*, veste *chaps* (*chaparreras*), cobre os estribos com *tapaderos*, esgrime o *látigo* nos *rodeos* e o seu *lareat* (*la reata*) tem um *hondo* na extremidade. Quando escolhe cavalo, prefere um *mustang* (*musteño*) ou um *bronco*. Chama *caballada* à manada de cavalos e *cimarrón* ao animal selvagem.

Para enfrentar os índios e defender-se das feras, o *vaquero*, já acostumado às *faenas* do campo, ganhou arma de fogo e abandonou o punhal que empunhava tão bem quanto o conquistador a espada. Introduzido na América a partir de 1838, o revólver — Colt, revolucionou o conceito de hombría no faroeste. O *cowboy* é valente, sim. Com o revólver carregado de balas...¹²

Em comparação com os demais cavaleiros hispânicos, o *cowboy* foi escassamente lembrado pela ficção literária. Sua grande reputação, deve-a, sobretudo, ao cinema. Mitificado pelo *Western*, tornou-se mais conhecido no continente que o *gaucho malo* ou que o *Ulanero* ou o tropeiro. Nenhum dos nossos vaqueiros jamais logrou a sua popularidade. No folclore, na poesia e na prosa regionalista é que vamos encontrar os esquecidos heróis da América espanhola e portuguesa. Obscuros mas íntegros, distinguem-nos, especialmente, as virtudes varonis, herdadas do antepassado comum, o centauro ibérico. Nesse parentesco, de nobre raiz machista, firma-se a sua fama.

12. Sobre a tradição machista nos Estados Unidos e o desprezo generalizado pela arma branca, de lâmina, leia-se, de WILLIAM LEE HAMLIN, *The true story of Billy the Kid*. Idaho, The Caxton Printers, 1959, p. 209-210. Leia-se, também, o excelente ensaio de AMÉRICO PAREDES, «Estados Unidos, México y el machismo», in *Journal of Inter-American Studies*, janeiro de 1967, vol. IX, nº 1, p. 65-84.

O *machón* vazio e arrogante sofreu, na Argentina, crítica certeira do cineasta Fernando Ayala. Fecundamente instruído acerca do conceito de hombria e de sua equivocada aplicação entre os portenhos, Ayala desmascarou, no filme *Primero Yo*, o falso *hombre-macho*: verberou-lhe a inconseqüência, apontou-lhe a *tonteria*, censurou-lhe a presunção descabida. Suas leis? — A necessidade, fisiológica, parece de sobrepor-se a todos; a vontade de ser o primeiro em tudo, não pela virtude mas pela prepotência.

À luz desse comportamento aberrante, o *machón* despreza a mulher como valor humano e moral. Se empreende a sua conquista é para fazer-se notar, para *lucir* como grande sedutor. Animal de presa, a mulher — fêmea, é sua vítima, jamais sua companheira. Uma vez possuída, ele a abandona sem pejo. *Don Juan* de arrabalde, escravizado à busca insatisfeita, o *hombre-macho* de Fernando Ayala apresenta-se como o *Don Yo* por excelência.

Protesto veemente contra o conceito argentino de machismo, *Primeiro Eu* denuncia, com crueza, o declínio do mito consagrador do heroísmo.

O progresso, a cidade, o diferente código de honra, as flutuações do amor-próprio destruíram o machismo original. Não há dúvida. Também o culto do varão impoluto entrou em decadência. A bondade é hoje associada a bizarras criaturas extraterrenas e a coragem a seres biônicos, fabricados em laboratório e obedientes à NASA. As máquinas de fabricar superhomens asilaram na selva nosso último *hombre-macho* — o *bon sauvage* que respondeu, durante algum tempo, pelo nome de Tarzan. Como a selva deixou, tanto na América como na África e na Oceania, de ser, para a nossa imaginação, o reduto misterioso onde escondíamos mitos e maravilhas, tornou-se difícil, talvez impossível, aí situar nossos heróis. A *terra incognita* dos jovens instala-se atualmente, nas perdidas galáxias onde pontifica o magnífico Jedi. A audácia e a aventura parecem-lhes abstrações inconcebíveis na mesquinha realidade do dia-a-dia. O desafio da guerra nas estrelas deles exige, como de todos nós, virtudes exorbitadas. Enquanto opõe, ao nosso mundo, a tensão febricitante para a grandeza, esse desafio nos arrasta aos limites do humano. Daí, as explosões de violência, a fúria incontrolável, a tentação da emoção jamais provada. Colocados à contra-corrente, movidos pelo

desgosto de nós mesmos e de nossos semelhantes, a quem pedir socorro?

À minguia do *bon sauvage* e do *hombre-macho*, do cavaleiro virtuoso e do herói incorruptível, restam-nos hoje os *guerrilleros* hispano-americanos, discípulos, como o Comandante *Zero*, de Camilo Torres e do *Ché* Guevara, os terroristas de identidade desconhecida, como Carlos, o *Chacal*, ou, ainda, os membros das *Brigadas Vermelhas*, do grupo alemão *Baden-Meinhof* ou do peruano *Sendero Luminoso*... Poderão eles fornecer-nos, ao findar do século,¹³ um novo conceito de machismo? É o que veremos.

13. Referimo-nos ao fim do nosso século pois os mexicanos, a meados da década de 60, parecem ter vislumbrado em De Gaulle, general e presidente da França, a encarnação do *hombre-macho*. Jornalistas e diplomatas que acompanharam o presidente na sua visita oficial ao México se surpreenderam à saudação inusitada dos cidadãos mexicanos que, em praça pública, aclamavam o herói da IIª Grande Guerra gritando a plenos pulmões: «*Viva el macho! Viva el macho!*» A tão ilustre Senhor, toda honra e toda a glória...